

A obra-prima de um poeta prosador

Júlio Castañon Guimarães

O LANÇAMENTO DA IMPORTANTE TRADUÇÃO que Bruno Palma fez de “Marcas marinhas”, de Saint-John Perse, além de pôr à nossa disposição um texto de extrema exigência, mas também de surpreendente poder de encantamento, pede, sem dúvida, algumas referências. Publicado originalmente em 1959, esse poema pode ser arrolado juntamente com algumas grandes obras poéticas do século 20, como “Waste land” e “Four quartets”, de T. S. Eliot; “Os cantos”, de Ezra Pound; ou o “Cemitério marinho” e “A jovem Parca”, de Paul Valéry. Talvez o aspecto que mais facilmente chame a atenção em “Marcas marinhas” seja o fato de que se trata de um poema em prosa. A poesia brasileira não tem uma forte tradição de trabalhos em prosa, embora possam ser enumerados vários poetas em cuja obra se encontram exemplos de poemas em prosa. “Marcas marinhas”, ao contrário, constitui o que é considerada a obra-prima de um poeta cuja obra foi toda produzida em prosa, uma prosa com características complexamente especiais, pois em sua constituição acolhe o verso, a metrificação. As obras de alguns grandes nomes da poesia francesa do século 20 foram escritas em prosa – de alguns desses poetas, alguma coisa foi publicada no Brasil, como Francis Ponge e René Char, faltando ainda, por exemplo, uma boa mostra da poesia de Henri Michaux. O caso de Perse não é, assim, isolado, mas está em uma tradição, o que pode ser um caminho para começar sua leitura.

O fato de “Marcas marinhas” ser um poema longo, de mais de uma centena de páginas, também é fator para provocar pelo menos alguma movimentação dos hábitos de leitura. Entre nós, podemos naturalmente lembrar casos como “Cobra Norato”, de Raul Bopp, “Invenção de Orfeu”, de Jorge de Lima, “Poema sujo”, de Ferreira Gullar, “Galáxias”, de Haroldo de Campos (este um exemplo do uso da prosa). Mas tem havido um predomínio do poema breve. Um poema longo, como o de Saint-John Perse, chama a atenção para o volume de elementos que aí estão em jogo. Multiplicidade de vozes,

diferentes tempos, amplitude vocabular, universo de referências, organização do material constituem algumas das muitas questões que se apresentam nesse tipo de poema. Não é apenas o poema que é longo – paralela à dimensão da cena nele representada, é ambiciosa a reflexão que a partir daí se desencadeia, assim como é complexa a organização de seus inúmeros recursos.

Saint-John Perse é o pseudônimo do poeta francês Marie-René Alexis Saint-Léger Léger, que nasceu em 1887 e morreu em 1975. Em 1924, publicou seu outro grande livro, *Anábase* (já editado no Brasil, pela Nova Fronteira, em 1979, também em excelente tradução de Bruno Palma). Perse foi traduzido por outros grandes poetas, como T. S. Eliot, W. H. Auden e Ungaretti, bem como por Walter Benjamin, sendo significativo que tenha atraído a atenção de escritores tão diversos. Eliot não só traduziu *Anábase*, como escreveu uma introdução ao volume. Segundo ele, o ideal em relação à poesia de Perse seria lê-la sucessivas vezes, e aos poucos ir percebendo o que a compõe. No entanto, ele próprio acaba por dizer que, na medida em que ali se tratava de uma tradução, alguma apresentação se impunha ao leitor que nunca tivera contato com a obra. Nesse sentido, o leitor brasileiro está muito bem servido, pois o tradutor preparou para a edição uma aguda introdução, bem como numerosas notas a várias passagens do poema. Além disso, teve o cuidado de incluir no volume um inestimável texto explicativo do próprio Perse.

Foi Eliot ainda quem aproximou, em termos de importância, *Anábase* da fase final de James Joyce. Naturalmente, a aproximação é feita exclusivamente em termos da importância, pois as duas obras são inteiramente distintas. Mas essa aproximação de qualquer modo lembra outro dado que chama a atenção na obra de Perse, isto é, a amplitude de sua linguagem. Não se trata aí apenas do uso de um vocabulário inacreditavelmente extenso, mas de seu uso para representação de seres e coisas, bem como para criação de imagens, num processo de proliferação ininterrupto, que põe em cena grandes movimentos da natureza e da vida humana. Se em Perse estão em atuação dimensões simbólicas ou míticas, tem-se consonantemente uma poesia em tom elevado. Mas, ao abarcar múltiplos planos humanos e naturais, a linguagem dessa

poesia se constrói atenta a inumeráveis pequenas coisas, aos elementos concretos da existência, de onde provêm as extensas sequências de minuciosas descrições, de enumerações, carregando o tom elevado de uma percepção sensível dos elementos menos nobres da existência. Talvez não seja fácil perceber a ordenação de toda essa massa de linguagem. Eliot chamou a atenção para isso, ao afirmar que, em *Perse*, é apenas aparente o caos de imagens e idéias, que não estão submetidos a uma lógica de conceitos, mas a uma lógica da imaginação. Em termos externos, um início de ordenação se pode ter a partir da divisão do poema em grandes conjuntos subdivididos em cantos. Internamente, um elemento importante vem a ser as diversas vozes que se sucedem na exposição do poema, vozes que podem ser tanto a do narrador quanto a de vários personagens. Ao comentar seu poema, *Perse* disse: "Tomei a caminhada para o mar como uma ilustração dessa busca errante do espírito moderno, imantado sempre pela atração mesma da sua insubmissão." Em seu grande projeto, essa poesia envolve um espectro variadíssimo de materiais submetidos a complexa elaboração.

Suzanne Bernard, estudiosa do poema em prosa, chamou a atenção tanto para a integração que *Perse* consegue entre prosa e verso – dado fundamental em sua obra – quanto para a ordenação rigorosa dos poemas, paralela a uma espécie de sentimento profundo da ordem universal. Há uma busca de apreensão dessa ordem por meio de textos em que se percebe uma noção dos grandes conjuntos – são textos construídos de tal modo que se podem considerar como "amplas sinfonias" (ainda no dizer de Bernard). Se se pensar em "amplas sinfonias" como grandes organizações de múltiplas sonoridades, essa aproximação também talvez seja eficaz para se começar a ler esse poema.